

Título do resumo	DA DESCONSTRUÇÃO AO EMPODERAMENTO EM RELAÇÃO À DANÇA DE MATRIZ AFRICANA
Autor	Vinicius Gonçalves Mariano
E-mail	viniciusmariano.unipampa@gmail.com
Coautores	Diego Matos Noronha e Anabelle Helena Rodrigues de Aguiar
Orientadora	Prof.a Dra Marta Iris Camargo Messias da Silveira
E-mail	jamaicatreze@yahoo.com.br
Instituição de Ensino	Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA
Eixo Temático	Ações Afirmativas

O ensino da história e cultura africana e afro-brasileira tem sido o tema de discussões acerca de sua problematização no âmbito da educação, com a obrigatoriedade da implementação da Lei Federal 10.639/03, que busca a valorização do patrimônio histórico-cultural negro e o combate às desigualdades raciais herdadas de um sistema escravista, que deixou marcas nas relações sociais e no imaginário sociocultural de nosso povo. A universidade tem papel determinante como espaço de formação do futuro professor e questionamento do preconceito e discriminação racial sofrido pela população negra. Assim, a proposta desse trabalho consiste em apresentar uma síntese do conhecimento que estou adquirindo através da prática da Dança de Origem Africana, na disciplina de Dança do curso de Licenciatura em Educação Física Unipampa. As aulas no que tange a cosmovisão africana tem como o objetivo deslegitimar a associação entre traços fenotípicos e pertença cultural, onde normalmente se atribui aos negros valores pejorativos e negativos em relação a suas manifestações artísticas e culturais no âmbito da música, danças, cultos de matriz africana, ou lutas, colocando-se estas manifestações como sinônimos de inferioridade. A partir das discussões que acontecem durante as atividades pude resgatar minha ancestralidade através da história dos meus antepassados. Além disso, me possibilitaram um empoderamento enquanto negro em todos os espaços sociais, que vai desde a família, à academia, me fazendo ver qual o verdadeiro sentido de ser um futuro professor de Educação Física, sendo sem preconceitos e pluralista. Discutir a história da África não constitui um exercício fácil, pois traz o risco de difundir a concepção de um passado desarticulado do presente; um passado acabado, cristalizado, sem conflitos, longe de possibilidades, de problematizações. Evitar esse caminho é o primeiro cuidado que o professor deve tomar (GOMES; NETO, 2010). Piadinhas, jargões e represálias que são lançadas sobre a cultura afro-brasileira apenas variam em graus de violência, sendo reflexo de uma tradição pautada sobre um discurso depreciativo e repressivo que impôs estigmas de marginalidade e inferioridade às práticas transmigradas com as etnias da África (GOMES; NETO, 2010). Na verdade, quando os alunos/sociedade agem dessa forma, estão se negando a identificar-se com o tipo de negro que costuma ser representado nas aulas: o ser escravo; o ser submisso; o ser inferiorizado etc (GOMES, 2011). Antes de ingressar no curso, jamais poderia imaginar a dança de Origem Africana como parte integrante de um componente que para mim é um dos mais fascinantes do curso, muito estereotipei e subestimei o mesmo, justamente por antes não ter conhecido e vivenciado. Muitos dos meus colegas de turma, no primeiro momento reagiram de maneira resistente à modalidade, alguns já não aceitavam o fato de ser uma dança que exigisse a máxima representação do corpo pois para muitos deles alguns movimentos poderiam comprometer sua “reputação”, eu percebi que fiquei despidorado e sem vergonha nenhuma realizar tais movimentos, através da dança afro, me senti mais livre e feliz. Ao final do componente, para obter aprovação, os alunos devem montar uma mostra de dança, onde cada grupo monta uma coreografia de algum ou alguns ritmos trabalhados durante o semestre, quando estávamos em processo de criação dos grupos decidimos apresentar Dança Afro, surgindo através desse grupo o grupo de Dança Afro da Unipampa Uuruquaiana.

Palavras-chave: Dança, Cultura, Discriminação.